

Durante o Estado de Emergência decretado pela Presidência da República Portuguesa, motivado pela pandemia do novo coronavírus, fomos obrigados a ficar em casa, situação inédita e difícil.

Estar impossibilitados de nos movimentarmos para lá das paredes que habitamos, o não poder estar em contacto físico com familiares e amigos, a falta dos afetos, a sensação de ter a vida em suspenso... Implicou, para a maior parte de nós, um exercício de autodomínio e a procura permanente de sentido para os minutos, horas e dias que continuavam a sua marcha regular.

Foi, pois, em tempo de quarentena - para todos os que sentem na escrita a capacidade de transmitir o universo do seu imaginário - que a Câmara Municipal de Palmela promoveu o Concurso Literário: «Não Posso Sair», lançado no Dia Mundial do Livro.

Nas páginas que se seguem, publicamos os quatro contos vencedores, em que estão bem patentes ideias muito ricas e expressivas, interrogações e questionamentos sobre a vida e, particularmente, uma extraordinária criatividade.

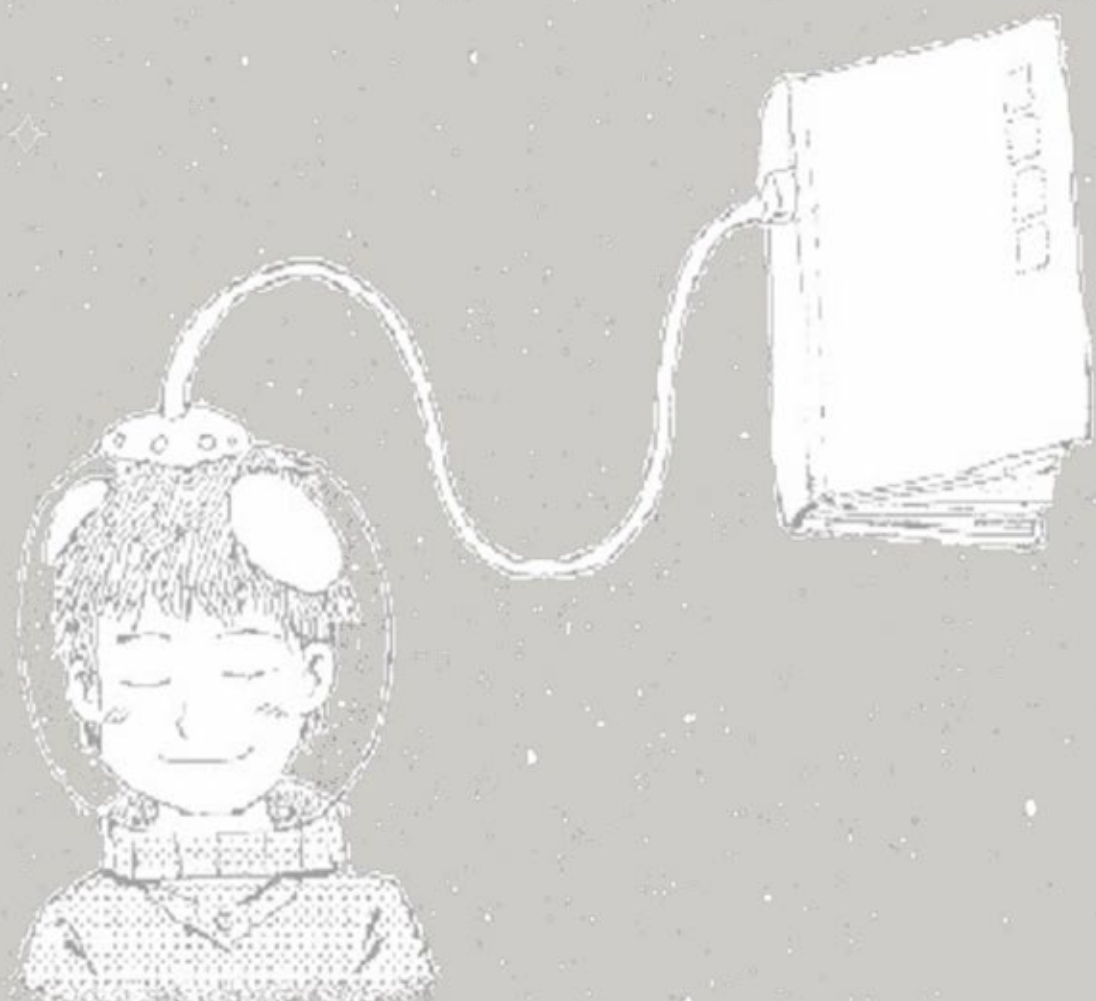
A todos felicito e agradeço a participação!

Palmela, 19 de junho de 2020

O Vereador

Luís Miguel Calha

Luís Miguel Calha



**«NÃO
POSSO
SAIR»**

PALMELA 2020

TEXTO VENCEDOR

1.º ESCALÃO (dos 6 aos 11 anos)

Alice Barreto

Numa noite estrelada, com os grilos a cantar, a lua a conversar com as estrelas, um menino descobre uma coisa que nunca mais se vai esquecer.

- Mãe - já a cair para a cama à espera do beijinho de boa noite - hoje estava a passar pela mercearia e ouvi o Senhor António a falar sobre uma pandemia chamada Coronavírus, podes-me contar a história?

- Eu lembro-me disso...maus tempos...já são nove horas, mas para educar um filho nunca é tarde, então, tudo começou com uma pessoa, tinha uma doença que ninguém, nem os cientistas, os médicos, os enfermeiros, sabiam o que era - começava a mãe. O Vírus começou na China, montes de pessoas morreram. Como qualquer pandemia espalhou-se pelo mundo e chegou a Portugal.

- Mas mesmo ninguém, não sabiam o que era?! - pergunta o menino preocupado.

- Ninguém, mas continuando, como hoje ainda existe passaram nas notícias esse acontecimento, toda a gente ficou muito preocupada, então o que é que as pessoas fizeram? Atacaram o supermercado, e nunca percebi porquê, o que mais atacavam era o papel higiénico.

- Papel higiénico? - ria-se o filho.

- Sim, papel higiénico...um bocadinho estranho, mas pronto - a mãe acabou por se rir também - depois entrámos em estado de emergência, por isso ficámos em casa, sem poder sair, ou seja, de Quarentena.

- Mas porque é que se chamava Coronavírus? - continuava o menino a fazer muitas perguntas.

- Parecia uma coroa, logo chamaram-lhe de corona e depois juntaram vírus. Todos os dias morriam pessoas, outras descobriam que estavam infetadas e outros curavam-se. Ao estarmos de quarentena não podíamos sair, só para ir ao supermercado e ao médico se fosse mesmo urgente, porque devia ligar-se primeiro para a saúde 24, um sítio onde estavam pessoas que nos davam dicas para melhorarmos se estivéssemos doentes.

-Não podiam ir ao cabeleireiro? - dizia o menino espantado com aquela história estranha na cabeça dele.



- Não.
- E ao veterinário? – continuava a questionar.
- Também não, já te disse, só podíamos ir ao médico se fosse urgente e ao supermercado, só podiam ir os adultos, as crianças tinham de ficar em casa.
- Isso é muito mau!
- Pois era e eu que adorava ir ao supermercado...todos os dias perguntava à tua avó quando é que já se podia ir. Bem, mas continuando, as crianças já não iam à escola, por isso não estudavam. Claro que os políticos e os próprios professores e pais ficaram preocupados, então arranjam uma solução, a telescola. Era basicamente dar matéria sem ser com os teus professores, pela televisão, passávamos apontamentos e estudávamos.
- As crianças não viam os amigos?
- Infelizmente não. Mas como é claro havia sempre um professor que estava atrasado na matéria, então não podíamos ver a telescola dessa matéria para não nos baralharmos. Depois a minha escola começou a fazer videoconferências connosco, ou seja, os professores davam a matéria por videochamada e ao mesmo tempo mandavam tarefas por email.
- Isso é horrível!
- Pois, era mesmo muito mau, porque não podíamos estar em sala de aula a sério, mas era a melhor forma de aprender. Muitos cantores fizeram músicas a falar sobre o vírus e a dizer que ia ficar tudo bem. Depois entramos no estado de calamidade, ou seja, já podiam abrir cafés, bares e lojas, mas com muitas regras de segurança: por exemplo, usar máscara.
- Não tinhas calor a respirar por lá?
- Tinha um bocadinho, era um pouco sufocante para mim.
- Depois as pessoas começaram a encher os bares e os números de casos subiram, mas com os avisos do estado pararam logo! Enquanto isso os cientistas tentavam descobrir a cura, claro que depois descobriram, deram às pessoas infetadas e o coronavírus passou a ser assim como a

gripe, agora, porque antes era ainda muito perigoso mesmo com a cura.

- Isso é muito bom, e a poluição?

- As crianças conseguiram fazer com que parasse de haver poluição, faziam manifestações e acabaram por vencer, ficar em casa também foi bom porque não havia tantos carros.

- Isso devem ser sido tempos muito maus!

- Claro que foram! Desde esse dia o ser humano nunca mais “estragou” o mundo com a poluição e toda a gente ligou a todas as coisas mais pequenas. Também começaram a dizer muito a frase do livro “O Príncipezinho”.

- Qual era? - perguntou curioso.

- “O importante é invisível aos olhos”. Agora que já sabes a história do coronavírus de há mais ou menos 40 anos atrás prometes-me que vais dormir, porque já é tarde?!

- Sim mamã, prometo, eu também já estou cheio de sono. Obrigada por me contares esta história. Espero que isso nunca mais aconteça para que não tenhamos de ficar em casa sempre a pensar “não posso sair”.

- Eu também espero que isso nunca mais aconteça, dorme bem. Despediu-se a mãe.

- Dorme bem.

E esta é a história do coronavírus, uma fase da nossa vida que estamos todos a passar, mas que sabemos que vai ficar tudo bem.

**«NÃO
POSSO
SAIR»**

PALMELA 2020

TEXTO VENCEDOR

2.º ESCALÃO (dos 12 aos 17 anos)

Carolina Cabrita

Uma aventura no reino mágico

Era uma vez uma família constituída por pai, mãe, um filho e uma filha. A filha tinha 9 anos e o filho 4. A família estava a passar por imensas dificuldades financeiras e familiares; a mãe entrara em lay-off, pois as lojas comerciais tinham fechado devido à situação pandémica que estava a acontecer, e o pai era professor. Como tinha muito trabalho, tinha pouco tempo para dar atenção aos filhos e à sua mulher. A família costumava ter algumas discussões e ao mesmo tempo havia momentos melancólicos em que a tristeza reinava. O facto de não poderem sair de casa e não poderem beijar e abraçar alguém estava a consumir aquela família, dia após dia...

Era uma sexta feira e Mafalda estava no seu quarto a fazer os trabalhos da escola que os seus professores enviavam semanalmente, quando reparou que tinha caído uma folha verde, pormenorizada e excêntrica no chão do seu quarto, muito perto do cesto onde colocava a roupa para lavar e, uma vez que ela era muito organizada e asseada, aquele cesto raramente tinha roupa. Ela apanhou a folha, mas quando ela a apanhou voaram mais duas folhas de dentro do cesto. Ela espreitou para dentro do cesto, mas não viu nada; decidiu voltar para a secretária. Quando virou as costas ouviu uma voz delicada e doce a proferir:

- Mafalda, anda, vamos brincar!

Mafalda ficou curiosa e espreitou novamente para dentro do cesto. Viu uma porta que, depois de aberta, era uma passagem para o reino da fantasia. Então, ela abriu a porta e entrou no cesto. Assim que entrou caiu numa floresta, na qual havia um pó dourado parecido com ouro, que fez a Mafalda tossir. De repente veio um elfo a correr na sua direção com um ar muito brincalhão e exclamou:

- Olha que se respirares este pó ficas infetada com o Pósinhos-vírus!

- Pósinhos-vírus? O que é isso? - questionou Mafalda

- Não sabes? Pósinhos-vírus é o vírus que está no ar, ele pode ficar no ar até duas horas por isso temos de usar a folha da cura e as luvas da magia para nos protegemos!

- Ah... Eu só conheço o Covid-19, não sabia que aqui também havia o vírus... - disse Mafalda um pouco confusa.

- Sim, no teu mundo o vírus é o mesmo que aqui. Uma vez que é uma situação pandémica, também existe aqui no reino da magia. Coloca na tua boca uma folha dessas e coloca também as luvas.

Mafalda então percebeu porque havia aquelas folhas tão especiais. Agarrou nas luvas, que estavam também na árvore onde havia as folhas da cura, mas assim que as colocou elas desapareceram.

- As luvas desapareceram! E agora não tenho mais nenhuma luvas para colocar, como me vou proteger?

- As luvas tornam-se invisíveis para não cometeres o erro de as deitares para o pobre mar e para o injucundo chão. - respondeu o elfo com um ar sereno.

- Ah está bem, mas afinal quem és tu?

- Chamo-me Biscoito e sou o elfo da fada Aurora, queres conhecê-la? - perguntou o elfo todo empolgado.

- Sim, mas onde é o castelo dela?

- É já ali à frente, vem que eu aproveito e mostro-te a nossa maravilhosa floresta. - combinou o elfo.

Ao longo do caminho Mafalda viu pássaros a voarem, animais a viver livremente, sem estarem presos numa jaula à espera que alguém lhes dê atenção, viu um pinhal muito frondoso e ela reparou que era idêntico ao pinhal de Leiria, que havia sido destruído pelas chamas de Pedrogão Grande.

- Chegámos, mas primeiro tenho de pedir permissão para entrar, deves sempre fazê-lo. - aconselhou o elfo.

De repente abriram-se as gigantescas portas de bambu e estava uma senhora alta e formosa sentada numa cadeira feita de folhas da árvore mágica, que existia algures na grande floresta que a Mafalda e o elfo haviam atravessado.

- Aragorn, vejo que trouxeste a pequena Mafalda até mim, muito obrigada! – agradeceu a Fada Aurora.

- Sempre às ordens, minha senhora. – disse o elfo enquanto inclinava a sua cabeça num ato de respeito.

Mafalda não prestava atenção a mais nada senão aos pormenores do castelo da fada Aurora, pois o castelo tinha tudo aquilo que a Mafalda sonhara ter, tal como cães, pulseiras da Patrulha Pata, anéis iguais aos da sua mãe, entre outras coisas que estavam a fascinar a pequena Mafalda.

Subitamente ouviu-se uma voz a chamar por Mafalda, era a sua mãe que a chamava para o jantar e fez com que Mafalda acordasse e se apercebesse que afinal aquilo não passava de um sonho.

- Ahm? Isto afinal era tudo um sonho, mas eu quero voltar lá! Quero conhecer aquela floresta! – gritou a Mafalda enquanto se levantava.

Mafalda foi jantar. Porém não tinha a cabeça em mais nenhum lado senão naquele reino maravilhoso, com que ela tinha sonhado. Decidiu contar à sua família o que tinha visto, mas a sua família, estava tão concentrada no seu irmão, que não prestou muita atenção ao que a Mafalda dizia. Assim que a Mafalda acabou de jantar foi dormir, com a esperança de adormecer e voltar a sonhar com aquele reino fantástico.

Já era muito tarde e a Mafalda, com a ansiedade, ainda não tinha conseguido adormecer. Finalmente, o inevitável aconteceu e ela adormeceu.

Em menos de 10 segundos Mafalda acordou com o chamamento do elfo Biscoito, fazendo com que ela se levantasse logo e fosse direta ao cesto da roupa. Porém o som não vinha de lá, mas do armário dela. Mafalda entrou rapidamente no armário, abriu a porta que estava no fundo e deparou-se novamente com a maravilhosa floresta que tinha visto no seu sonho, porém um tanto diferente no seu ambiente, via-se pessoas a tossir por todo o lado e que continuavam a abraçar-se.

- A fada Aurora precisa de falar contigo! É urgente!! – gritou o elfo Biscoito enquanto corria à volta de Mafalda.

O elfo Biscoito agarrou na mão da Mafalda e levou-a ao castelo da fada Aurora.

- Mafalda, precisamos todos da tua ajuda! O reino da magia está todo contaminado com o Pósinhos-vírus e já existem muitos infetados. Precisamos que distribuas máscaras e fales a 2 metros de distância das pessoas, de forma a que tomem consciência da gravidade da situação. E não te esqueças, quando voltares para o teu mundo faz o mesmo lá!

E assim fez Mafalda, distribuiu máscaras por toda a população que vivia no reino da magia, tanto às pessoas novas como às pessoas idosas. Porém, Mafalda deu de caras com um senhor com uma expressão rancorosa, como se quisesse bater em alguém. Ela decidiu seguir em frente sem falar com ele. Mal sabia ela que aquele senhor estava bastante doente e precisava de ser informado da situação.

Acabado a distribuição das máscaras, Mafalda regressou ao reino da Magia toda sorridente, mas a fada Aurora esperava-a com um ar muito sério e zangado..

- Já está, fada Aurora! - disse a Mafalda

- Falhaste com o que te pedi! Não te lembras de te teres cruzado com um senhor com uma cara muito séria?

- Ahm...Não me lembro... Ah, espere, lembrei-me! Sim, mas pareceu-me que o senhor não queria conversar comigo, então segui em frente. - murmurou a Mafalda com um ar de quem sabe que fez algo de mal.

- Mafalda, peço-te que vás a correr procurar esse senhor e lhe dêes a poção da cura!

- Porquê? Parecia-me que o senhor estava bem... - retorquiu a Mafalda enquanto cruzava os braços.

- O senhor está com o Pósinhos-vírus e ele não sabe! Ele precisa de se curar quanto antes para não infetar mais pessoas no reino da magia.

Ouvindo estas palavras, Mafalda correu para a floresta procurando pelo senhor que havia visto. Procurou e procurou, mas não o conseguia encontrar, até que, subitamente, viu um senhor igual ao que havia visto, deitado à sombra de uma bananeira e foi logo a correr ao seu encontro.

- Senhor, senhor, senhor!!!! - exclamou a Mafalda enquanto agitava o cor-

po do homem com um ramo que havia encontrado na floresta, de modo a manter a distância social.

- Não vês que estou a dormir ou preciso de colocar uma placa a dizer «Volto já»?

- Desculpe, mas tem que tomar esta poção da cura. - disse a Mafalda com um ar sufocado, de tanto ter corrido.

- Ai rapariga, acalma-te! Eu beber é só uma...Cof...Cof...cervejinha bem fresquinha! - disse o homem enquanto tossia com frequência.

- Então imagine que isto é cerveja e beba. - insistiu a Mafalda colocando o copo no chão ao seu alcance.

- Só vou beber para parares de me chatear a molécula! - disse o homem, agarrando no frasco que a Mafalda tinha posto no chão.

Bebeu e passados uns segundos ele disse:

- Olha, e não é que me sinto melhor? Obrigado minha menina, saíste cá uma jóia!

Dito isto a Mafalda deixou uma máscara ao lado do homem com um bilhete a dizer: «Cuidado com o Pósinhos-virus, use sempre esta máscara».

Mafalda ouviu o chamamento da sua mãe e foi logo direita ao portal, saindo do mundo da magia com um sentimento de missão cumprida. Depois desta aventura, estava ainda mais entusiasmada a fazer o mesmo no seu mundo.

**«NÃO
POSSO
SAIR»**
PALMELA 2020

TEXTO VENCEDOR
2.º ESCALÃO (dos 12 aos 17 anos)

Liya Kiara

Inês

Quero sair de casa, mas não posso. Não quando estiver muita gente na rua... Quero fazer atividades ao ar livre, mas não posso. É difícil e preciso de muito espaço.... Quero sair de casa, mas demora sempre uma eternidade até ter tudo pronto.

Na rua as pessoas afastam-se. Deixam mais espaço quando passo. Olham fixamente, como se desconfiadas; ou pior, olham e fingem não olhar. Têm medo. Medo do que é novo e diferente; medo do desconhecido. Nos dias bons, não ligo. Faço que não vejo, ou tento compreender. Nos dias maus, apetece-me gritar: “Mas estás com medo do quê? A deficiência não é contagiosa!”

3 meses mais tarde

O mundo está em quarentena. Existe um novo vírus; chamam-lhe COVID19. O melhor é nem sair de casa, mas se sairmos, temos de usar máscara e manter distâncias de segurança uns dos outros. Todos precisam de ter cuidado para não estar na rua quando lá está muita gente; todos precisam de mais tempo para se preparar para sair (levar a máscara, o álcool gel, trocar os sapatos...); todos precisam de espaço...

Ontem ouvi os vizinhos queixosos: “Parece que as pessoas nos olham desconfiados, que têm medo de nós”. Ouvi-os a dizer o quão estranho e desagradável era ter de manter a distância e ver os outros a afastarem-se de nós, literal e figurativamente. Eu já me sentia assim muito antes de ter aparecido o vírus.

As pessoas olham para a minha cadeira de rodas e focam-se logo nas minhas incapacidades. É como se a cadeira fosse a minha manta da invisibilidade. Antes do medo do invisível e contagioso, já existia o medo do visível mas não contagioso. Será que agora que estamos todos no mesmo barco, alguma coisa vai mudar?

Ricardo

Estou livre! Não me lembro da última vez que me senti assim. O ar, o céu, as árvores, as cores... sempre houve tantas cores? Tão vivas? Na prisão era tudo cinzento. Era mesmo tudo cinzento ou só me parecia assim, porque os dias eram todos iguais?

Foram muitos dias. Muitos meses. Muitos anos. Mas agora sou um homem livre. Já lá vão dois meses, mas ainda me parece tudo novo: os carros (de onde vieram todos estes modelos novos?), as roupas (porque é que já ninguém usa calças que lhes sirvam?), as tecnologias (*youtuber* é mesmo uma palavra?)...

Não tem sido fácil. No início, parecia que já não sabia interagir com as pessoas. Sentia-me sozinho e perdido, mas aos poucos fui-me habituando. Adoro estar ao ar livre, adoro conviver com os meus amigos. E quando chove, não perco a oportunidade de sair à rua para sentir as gotas a cair sobre o meu corpo. As pessoas ficam a olhar, como se eu fosse maluco. Não sabem que durante anos, a chuva foi para mim apenas uma ideia, um desejo...

3 meses mais tarde...

O mundo está em quarentena. Existe um novo vírus; chamam-lhe COVID19. Dizem que o melhor é nem sair de casa. Tinha prometido a mim mesmo que nunca mais voltaria para a prisão; não pensei que a minha casa se tornasse numa.

Os meus amigos brincavam que eu seria o rei da quarentena, que para mim seria fácil; mas foi ao contrário – fiquei revoltado, achei que o universo estava contra mim. Até que os meus amigos me começaram a pedir dicas de como lidar com o confinamento; e daí, eram os amigos dos amigos a pedir sugestões. Acabei mesmo por fazer uma série de vídeos com as minhas dicas e experiências. Já tenho mais de 1000 visualizações. Será que já sou um *youtuber*?

Sinto falta dos meus amigos; sinto falta do ar livre. Mas a comida

na quarentena é bem melhor que na prisão. A casa de banho é mais limpa. E mesmo estando em confinamento, sou um homem livre.

Agora as pessoas precisam de mim e procuram os meus conselhos. Será que quando isto acabar, ainda vai ser assim?

Rafa

Finalmente chegaram! Agora podemos ir dar um passeio! Já estava farto de estar sozinho em casa... Adoro esta gente, mas não percebo o que tanto têm para fazer fora de casa!

Sim, é verdade que nunca saem antes de irmos dar uma volta pelo bairro; mas depois vão-se embora e às vezes voltam tão tarde... Há dias em que me sinto muito sozinho. Não tenho muitos amigos com quem socializar; e quando falo na varanda com os poucos que tenho, o rapaz do andar de cima manda-me sempre calar.

Não quero parecer ingrato. Tenho uma cama fofinha, comida com fartura e donos maravilhosos. Mas podiam ficar comigo um bocadinho mais. Dar passeios um bocadinho mais longos. Sair comigo um bocadinho mais.

3 meses mais tarde...

O mundo está... estranho. Não sei o que se passa, mas estou a adorar! A Ana e o João estão sempre em casa. Dão mais atenção àquelas coisas quadradas luminosas do que deviam, mas não me queixo. Estão comigo muito mais; temos ido passear muito mais; e durante muito mais tempo.

Antes, havia dias que tinha de insistir com eles para irmos lá para fora; agora parecem mais ansiosos para sair de casa do que eu. Que complicados são estes seres humanos! No outro dia, tive mesmo de traçar um limite e dizer "Chega! Já fomos passear três vezes, não quero sair outra vez, deixem-me dormir em paz." Acho que não levaram a mal.

Estou a adorar ter direito a mais guloseimas (a Ana e o João também estão a ter direito a mais guloseimas – devem andar a portar-se muito bem!), mais mimos e mais passeios. Mas às vezes fico com medo – será que vai mesmo ser sempre assim?

Um ano mais tarde...

Inês

Já há cura. Já há vacina. Tudo voltou ao normal... Será?

Sinto que o mundo mudou para melhor. Parece que as pessoas estão mais simpáticas. Já não se desviam quando passam por mim. Falam, cumprimentam... o meu manto perdeu o feitiço?

Durante a pandemia fiquei a conhecer imensos vizinhos – alguns nunca tinha sequer visto antes. Ajudaram-me com as compras; vinham saber de mim... fiz amizades maravilhosas. A pandemia acabou, as amizades perduraram. O vizinho do rés-do-chão passa cá quase sempre depois do trabalho, e os do prédio da frente confiam em mim para tomar conta do seu pequeno quando não estão.

Ricardo

Já há cura. Já há vacina. Tudo voltou ao normal... Será?

Sinto que o mundo mudou para melhor. Achei que não ia ser aceite, devido ao meu passado. Tinha medo de não conseguir trabalho, que não me dessem uma segunda oportunidade. Afinal, o *youtube* não é a vida real.

Conseguí trabalho, conheci os meus vizinhos, fiz novas amizades. Quando chego ao fim do dia, vou quase sempre ao segundo andar jantar com a Inês. Uns dias cozinha ela, outros cozinho eu. Contamos as peripécias do dia um ao outro. Nunca pensei que me pudesse sentir tão feliz.

Rafa

Infelizmente, tudo voltou ao normal... Será?

É certo que os meus donos já voltaram a sair de casa; mas já não é todos os dias, e quando vão, fazem questão de voltar mais cedo. Ainda damos muitos passeios. Já não são tão longos, mas acho que até prefiro assim.

E fiz uma nova amizade! Nos dias em que a Ana e o João não estão, ela vem cá para me levar a passear. Gosto dos passeios com ela: ela tem muita paciência. Paramos para falar com os vizinhos e quando me canso, ela deixa-me sentar ao colo dela até casa. A Ana e o João são as minhas pessoas, mas a Inês não fica atrás!

**«NÃO
POSSO
SAIR»**
PALMELA 2020

TEXTO VENCEDOR
3.º ESCALÃO (maiores de 18 anos)

Célia Pratas

No dia em que o médico me disse que eu tinha uma coisa chamada poliomielite, andava, eu própria, a pôr panos molhados na minha testa, que ardia em febre. A minha mãe dizia que só eu, para uma coisa assim e que, “só visto!, a gaiata tem tudo e mais alguma coisa”. Poucas semanas depois, comecei a sentir mais dores e dificuldades em andar, até deixar de poder correr e brincar na rua mas, prometi, a mim mesma que, a partir daquela data, haveria de ser, para sempre forte e, nunca mais ter nada.

Maria Catarina, minha mãe, era mais ou menos pessoa; muito alta, de olhos grandes e coração duro, feito de pele, carne e sangue estranhos, que até hoje não entendo, e que se avolumaram, num só ser, em pedra cinzenta e história triste. Mulher de trabalho, de sol a sol, de vida, sem vontade de viver. Falava muitas vezes da primavera de 1918, da pneumónica, da tia Maria Adelaide, sua irmã, e do tio Manel Sezudo que viviam em Évora, que tinham um filho internado num manicómio e que, “fizeram eles senão bem” até tinham comprado caixões para os dois e os metido debaixo da cama, junto a um saco com roupa e sapatos, para quando a pneumónica chegasse lá a casa, ninguém tivesse a preocupação de onde os meter e como os enterrar. “Mal a mal, já temos mortalha e caixão para o enterro, que não é com o outro emparvatado que vamos contar”, era o que eles diziam, duros e frios, referindo-se ao filho. E a minha mãe, a contar isto, abanando a cabeça, que sim, que tinham feito bem. “O Chiquinho-parvo tinha lá trambelho para alguma coisa, se fosse preciso. Desgraçados daqueles pais”. Nesses anos de 1918 e 1919, muita gente morreu, de norte a sul do país, pobres e ricos, bons e maus, fortes e fracos, ignorantes e bem-falantes. Desde o pintor Amadeo de Souza-Cardoso, ao tio Manel Pedro, irmão do meu pai, que era sapateiro. Desde o pianista António Fragoso, ao meu avô Baltazar, que era homem de ocupação com ovelhas e porcos e com a terra e as vinhas que lhe esculpíram aquelas mãos tão grandes e tão ásperas, mas sempre tão gentis e amigas de dar a quem mais precisasse. O primo Chiquinho também não foi poupado. Os pais, morreram de velhos. “Devias era ter vivido no tempo da pneumónica, para saberes. Matou para aí gente, sem destino. Nem tão pouco te passa pela cabeça. Não me matou a mim, porque não calhou. Por isso, não te queixes, que tu nem calculas”, dizia sempre a minha mãe, bastava eu dar um espirro,

esfolar um joelho metendo mal um pé no chão, no meu eterno esforço para conseguir andar, ou bastava chorar, baixinho, com saudades do meu pai que era caixeiro-viajante. Nada a afetava. Nada lhe provocava cuidados comigo. “Tens tudo e mais alguma coisa. Tens tudo”. Tinha tudo. Não tinha amor, ou muito pouco. Só o sentia, quando o meu pai regressava a casa ou quando sonhava com ele. Todas as noites. Mas a minha mãe era como era, como os tempos são o que são e como a pneumónica foi o que foi. Mas aquele ‘tens tudo e mais alguma coisa’ nunca me saiu da cabeça, até aos dias de hoje. E nem a força ou a vontade me saíram do corpo ou do espírito. E nestes meus 82 anos, sou uma velha de cadeira de rodas, mas a conseguir conduzir família, casa, vida e sonhos. Sobretudo, sonhos. Hoje tenho tudo o que preciso. Tenho dois filhos e um neto. Tenho loiça para lavar, quadros para pintar - numa Universidade Sénior que me dá anos de vida - tenho livros para ler e esforço-me para que tenha, muitos mais dias para lavar loiça, para ler e pintar, para aprender, para amar, para regar as minhas flores e vê-las crescer, enquanto vejo crescer o meu neto. Tenho tudo e mais alguma coisa. Não podendo sair, tenho esta vista. O meu castelo do coração. Daqui avisto aquela janela feita de quatro braços de pedra, entrelaçados. E a minha janela olha para ela e ela olha para a minha janela. Ao de longe. Mas amam-se nesse olhar à distância. Pedra que ama pedra. Amor resistente, de pedra feito. E o meu olho que tudo vê, vê isto. Mesmo que pudesse sair, não sairia nunca da terra que me acolhe e que me orgulha. Este castelo que do alto me vigia, que me protege, em quase mil anos de pedra a olhar por todos, força e presença que não esmorecem. E eu mantenho-me firme, como ele silenciosamente me ensinou. Tanta beleza. Falta-me o ar. É delicioso. Mas falta-me o ar, que é isto agora... Caio. Mesmo não podendo sair, alguém me leva. Para onde? Não sinto medo, apenas uma enorme curiosidade. Perco os sentidos. De repente, acordo e vejo-me numa enorme sala a que ouço chamar de pesadelo. Não deixa de ser para mim, um sonho. Tenho o poder de escolher o que quero viver. E é o sonho que escolho viver. Metem-me um tubo. Imagino que estou debaixo de água, no mar Egeu, no Oceano Pacífico, ou naquele grande lago Asphaltite, onde se pode boiar o dia inteiro sem se ir ao fundo. Sinto-me tranquila... a boiar. Não me falta o ar, não me falta nada. Estou em repou-

so absoluto. Fecho os olhos. Estou sempre a fechá-los. Não sei onde estou, mas não me interessa. É deixar-me estar.

Os dias passam – dizem-me que já se contam vinte - mas quanto tempo foi preciso sair de mim mesma, para saber que estou finalmente dentro de mim própria? Por mais tempo que as quatro estações do ano rodem no calendário, ano após ano, por mais que o sol irradie e floresça natureza e corações, sei que jamais me sentirei tão livre como agora.

Alma liberta e clara. Sinto-me até mais bonita, com cabelos longos, ruivos como os cabelos do meu marido. Como me sinto bonita, solta, fresca e desbravadora. De televisão desligada, mas mais ligada ao mundo, a cada coisa minúscula desta vida, mais ligada do que nunca. E de repente sinto-me a tocar piano, violino, ouço Rossini e ouço as pétalas das flores a abrir, logo de manhã. A manhã existe mais cedo, afinal. A manhã aqui começa às seis, com o abrir de uma persiana que não conheço. Ou às três, nem sei bem, porque de repente também já não sei o que é um relógio. Só escuto, um tictaquear que inventei, com o passar do tempo, que me dá muito mais jeito.

Ouçó, de repente, a vizinha do meu neto. Meu pequenino. “Avó, olha só para o arco-íris que está ali a olhar para nós”. Pois é, Francisco, nunca na vida tínhamos visto tamanho arco-íris... é gigantesco! Entra-nos pelo vidro da janela e deita-se em cima desta cama. E sabes que ao deixarmos entrar o arco-íris, tudo o que ele nos traz, é alegria e amor. Amor que se estende em cores. Cores que cheiram a uma liberdade que anda ali fora mas que nos toca aqui, em cima desta cama, onde te deitas agora, encostado ao ombro da avó. Será que mais alguém viu isto? Deixámos entrar o arco-íris! Sabes Francisquinho, é bom deixarmos entrar na nossa vida só o que queremos, especialmente quando todos pensam que estamos sem saída. Nunca estamos sem saída, quando estamos com vontade de ficar. Continuamos, na cama, os dois, encostadinhos um ao outro, a ouvir música. Passamos os ouvidos, o sentir e o coração pela Maria Callas, pelos cantos do Alentejo, por Chopin e por Mozart e o prazer que me dá ouvir: “Avó, isto é tão bonito. Explica-me como fizeram esta música”. E eu devolvo a pergunta: meu filho, como explicar como se faz uma música? Só te

sei dizer que são músicas únicas, que viverão para sempre. – “Mas estavam aí escondidas, avó, dentro da capa de um disco”. Verdade, meu filho. Estavam sem sair, dentro da capa de um disco, mas são feitas de tanto ritmo, de tanta vida. E, se quisermos, até podemos colocar o volume da música mais alto, dando-lhes ainda mais vigor. A música é mais ou menos como as pessoas, meu filho, pode sempre ser colocada mais alto. Ajuda a avó a sair da cama. Vamos subir para aquela cadeira. Isso mesmo. Olha para nós. Somos agora pássaros. “Podemos ser cegonhas, avó”? Podemos, filho. Somos duas cegonhas e vivemos no ninho mais alto do mundo. E daqui já não saímos, porque se sairmos, deixamos de estar no ninho mais alto do mundo. “Se sairmos avó? Não devemos sair”? Não, filho, às vezes é não saindo, que sabemos a que lugar pertencemos. “Não percebo, avó. Parece que estás a falar ao contrário”. E estou filho. Estou a falar quase de trás para a frente, ou de dentro para fora ou de fora para dentro. Estou a brincar com as palavras e a brincar contigo. Vá lá, vamos voar. Salta da cadeira, com cuidado. Vamos para o chão e quando lá chegarmos somos um avião a acabar de aterrar. Queres ser o avião do avô Ruivo? O Avô Ruivo era o maior. E o melhor. O meu grande amor. O meu aviador. O que voava mais alto, especialmente quando viajava de olhos fechados. “Viajava de olhos fechados, avó”? Sim, filho. Vamos experimentar voar como ele? Deitemo-nos no chão. Fecha os olhos, abre os braços e as pernas e vamos levantar voo. Agora imagina que estamos... “Em Madagascar”? Pode ser filho. Porque estamos lá? “Porque gosto dos animais que vi no filme. Queria vê-los mais perto”. Muito bem, Francisco. Olha tantos animais. Podemos aterrar e sair do avião. “Não, avó, não quero sair. Acabei de ver um leão ali em baixo. Aqui dentro estamos mais seguros. Nenhum animal nos pode fazer mal”. Está bem filho. Não saímos. Queres voltar para trás? “Não avó. Podemos dar mais uma voltinha, só para ver os bichos todos, aqui de cima”. Damos a voltinha, pois claro, filho. Passado um tempo, terminamos a viagem. Descansamos, deitados de novo na cama. Hora do lanche. Descasco duas maçãs. Uma está podre. Fica para mim. Dou-lhe a boa. Não tarda um abraço de reconhecimento. Avozinha, eu sei que ficaste com a maçã má. As crianças desde muito pequeninas que aprendem a ver os dois lados das coisas. Por alguma razão, elas sabem

que os dois lados existem. E por alguma razão ainda maior, mais elevada e mais sagrada, elas sabem que os pais e os avós escolhem sempre o lado mais incrível, mais intacto e mais saboroso e puro para eles. E ficamos nós com o lado menos bom, o menos colorido, para lhe dar o que é protegido, o melhor. E eles percebem. Percebem tudo. E não saem dessa compreensão superior. Tudo nelas é mundo ideal. É origem, é maçã boa.

Francisquinho, onde estás, filho? Estaria eu a dormir, a dar por mim de enviusado, do avesso? Mantenho-me de olhos fechados. Permaneço no sonho, paz e tranquilidade dos quais não pretendo sair, a não ser que me peçam, com justificação doce e entusiasta. E nisto, sinto uma mão no meu ombro. Abro os olhos e, de imediato, tenho dois olhos em cima dos meus, a sorrirem. Escuto: “Amanhã já tem alta, Dona Olívia. Já pode sair”. Explicam-me o que já sabia e o que nunca tive interesse em saber. Ai que o vírus me apanhou. Coração mole, mas osso duro. Raios parta. Ai o Covid. Dezanove vezes terá o bicho pensado que eu não teria escapatória. Até me dá vontade de rir. Vão dar alta à velha. Posso sair a voar? E, nisto sinto-me mais forte e mais livre, do que alguma vez me senti. Dizia-me a minha mãe, que eu tinha tudo e mais alguma coisa. Chegou o dia em que me disseram que já não tenho nada. É menos uma coisa. Menos uma coisa.